

Professor

FRANCISCO RODRIGUES ALVES

Educador e Humanista



923
I533p

sessão Solene de Posse do sócio efetivo
DAVID DE MEDEIROS LEITE no
Instituto Histórico e Geográfico-RN.

Junho - 2005

Organizadores:
David de Medeiros Leite e Odúlio Botelho Medeiros

Capa:
Marcos Luiz Mendonça

Diagramação:
José Robério E. Cândido
(84) 3221.0600

PROF^o. FRANCISCO RODRIGUES ALVES
Educador e Humanista

SESSÃO SOLENE DE POSSE DO
SÓCIO EFETIVO DAVID DE MEDEIROS
LEITE NO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO - RN

Natal
Junho - 2005

SUMÁRIO

1 - Discurso de posse no IHG - RN:

David de Medeiros Leite..... 7

2 - Depoimentos:

Diógenes da Cunha Lima 17

Tarcísio Gurgel 19

Damião Nobre 21

Antonio Capistrano 23

Odúlio Botelho Medeiros 27

3 - Artigo:

Nei Leandro de Castro 31

PROFESSOR FRANCISCO RODRIGUES ALVES:
EDUCADOR E HUMANISTA

*A coisa mais indispensável a
um homem é reconhecer o
uso que deve fazer do seu
próprio conhecimento*

Platão

*Não entendo a existência
humana, e a necessária luta
para fazê-la melhor, sem
esperança e sem sonho.*

Paulo Freire

Exma. Sra. governadora Wilma Maria de Faria;
Ilmo. Sr. presidente do Instituto Histórico e
Geográfico do Rio Grande do Norte, Dr. Enélio Petrovich;
Autoridades presentes;
Meus confrades;
Senhoras e senhores convidados.

Honra-me sobremaneira adentrar o vestibulo desta Casa de Cultura. Subir seus degraus, já percorridos por tantos e tão ilustres conterrâneos que, ao longo desses cento e três anos de sua fecunda existência, sempre a encheram de saber. Confesso que, ao enveredar pela pesquisa histórica, não imaginava galgar patamar tão elevado. Almejava, tão-somente, escrever um pouco sobre alguns aspectos ligados à minha querida Mossoró.

Mas, como muito bem diagnosticou, certa vez, o mestre Raimundo Soares de Brito, existe uma espécie de “vírus da pesquisa” que, uma vez instalado em nossas veias, torna-se difícil debelá-lo. E, a partir dessa infecção, seguimos por uma estrada longa e sinuosa, sem mesmo visualizarmos a chegada... Ainda bem que, ao contrário do que ocorre em relação aos males do mundo, a progressividade da “patologia”, por mais das vezes, provoca satisfação. E este momento é uma prova cabal.

Pelo ritual estabelecido, cabe ao neófito eleger um tema e abordá-lo em seu discurso de posse. Desde o primeiro momento, tive a certeza de que buscaria homenagear a figura do Professor FRANCISCO RODRIGUES ALVES. Desejando, com isso, aproveitar a oportunidade para resgatar um pouco do exemplo de vida desse educador exemplar.

A empreitada é ousada. O homenageado é digno de um historiador de maior envergadura. No entanto, o instante não admite procrastinações. Mais silêncio ao mestre é inaceitável. E que venham outros depoimentos futuros. A mim, historiador de província, o orgulho de ter concebido uma simples peça de louvor ao inolvidável professor, só enobrece meu humilde currículo.

Começaria por situá-lo a partir de sua origem e, para tanto, recorro a uma carta enviada pelo próprio Rodrigues Alves ao historiador Vingt-un Rosado, publicada pela Coleção Mossoroense, onde, a certa altura, ele diz: “Em 1916, eu estava nascendo na fazenda Cajazeiras do município de Pereiro, Ceará...”.

Na mesma plaquete, publicada em março de 1997,

que reúne, além da referida missiva, outros escritos em homenagem ao professor Rodrigues Alves, vamos encontrar outras preciosidades, das quais quero valer-me, para continuar construindo a primeira fase da vida do homenageado. É da lavra do também saudoso Raimundo Nonato da Silva um belo e ilustrativo depoimento: “Bem de raiz, egresso do território de origem, Rodrigues Alves foi uma mentalidade sertaneja que não se desvinculou das tradições orgânicas do meio onde nasceu e viveu alguns dos dias inesquecíveis da sua vida (...) Atraído pela terra distante, que era Mossoró, largou-se para a planície das salinas, um lugar cheio de promessas, cidade grande, com igreja de duas torres, com telégrafo, com agência do Banco do Brasil e com trem de ferro, que corria da zona do mar para o sertão. E dirigido pelo espírito da aventura, enveredou na seara do trabalho. E, nas horas vagas, orientou-se no rumo da escola, onde ganhou fama de aluno aplicado. Passou por minhas aulas no Grupo 30 de Setembro (...) Alguns anos depois, vencia outra batalha memorável e era diplomado professor primário pela Escola Normal de Mossoró...”

Agora ouçamos a palavra sempre equilibrada do historiador oestano Raimundo Soares de Brito: “O professor Rodrigues Alves era pessoa ligada ao nosso meio, desde a infância, quando trocou Pereiro, a terra berço, para adotar como sua esta Mossoró de Santa Luzia. Menino pobre, teve os seus primeiros contatos com o mundo das letras na ‘universidade das oficinas d’O Nordeste, de Martins de Vasconcelos – uma das faculdades da vida por onde passaram vários outros da sua estirpe”.

E o próprio Vingt-un acrescenta na mesma direção: “cearense naturalizado mossoroense, um dos mais competentes professores diplomados pela antiga Escola Normal de Mossoró”.

Caros confrades, senhores e senhoras aqui presentes; as valiosas informações direcionam para uma infância e adolescência, vividas pelo professor Rodrigues Alves, entre Pereiro, no Ceará, e Mossoró, em nosso Estado. Momentos de absorção de valores que seriam determinantes para o mesmo. Realço, por exemplo, a convivência com Martins de Vasconcelos – jornalista, poeta, homem extremamente ligado às questões culturais, literárias e políticas de Mossoró. O professor Rodrigues Alves foi, inclusive, o jovem responsável pela condução do jornalista Martins de Vasconcelos, em memorável fuga numa canoa pelo, à época, caudaloso rio Mossoró, em consequência de nefasta perseguição política.

Creio também ser imprescindível esclarecer que, ao falarmos da vida do professor Rodrigues Alves em Mossoró, devemos sempre visualizar mais precisamente a fazenda Barrinha dos Duarte. Foi lá que ele viveu considerável parcela de sua vida. Seja de forma física, em determinada época, ou, posteriormente, de forma saudosa e sentimental, à distância; distância esta atenuada pelos constantes retornos, como ele próprio diz, finalizando a referida carta a Vingt-un: “Eu não tenho ainda a saga, porém aí você me dará uma. Estou com o pé quase no estribo para viajar para aí. Passarei 15 dias na Barrinha, com a velha Chiquinha Duarte e talvez vá a Messejana e Fortaleza. Peço avisar aos Vasconcelos”.

É de fácil percepção que a trilogia “Pereiro-Barrinha-Mossoró” plasmou o professor Rodrigues Alves, funcionando como uma espécie de alicerce, cujo amálgama terminou por delinear sua personalidade e o preparou para o porvir. E esse pensamento se consolida na medida em que vamos encontrar, ao longo de toda a sua trajetória, sentimentos, referências e ensinamentos advindos de sua terra natal – Pereiro; de sua casa afetiva – Barrinha; e de seu berço literário – Mossoró.

Em outro ângulo, consigo até enumerar pessoas-chaves, observando a mesma perspectiva geográfica: em Pereiro, sua mãe Joana Rodrigues e seu pai, José Alves – vaqueiro valente e destemido, vitimado em “pegada de gado”. O professor sempre falava sobre a figura do pai que tanto o impressionara, apesar da curta convivência, pois o perde aos sete anos. Na Barrinha, o velho Chico Duarte e Dona Chiquinha Duarte, seus padrinhos, também foram figuras realçadas por ele em agradecimentos e bem-querer. Madrinha Chiquinha, dentro de sua sistemática, queria ver o sobrinho-afilhado “doutor”. E conseguiu. Porém, existe um fato interessante, relatado pelo próprio professor Rodrigues a mim, numa dessas tantas conversas sobre nossa queridíssima tia. É que esta o desejava formado em outra área. Relembra ele: “Ora, David, veja você, Madrinha Chiquinha queria que eu fosse dentista... Ela chegou a dizer com aquele jeito enfático: Rodrigues, Duarte Filho foi fazer medicina e você deve fazer odontologia. E eu, encabulado, sem coragem de dizer que minha pretensão era enveredar por outros caminhos, ficava numa situação difícil. Até que, certo dia, criei coragem e falei: Madrinha, vou cursar a

Escola Normal e depois resolveremos como prosseguir... Ainda bem que consegui sentença favorável.” – brincava ele.

Em Mossoró, particularmente, seja no Grupo 30 de Setembro ou na velha Escola Normal, é fácil elencarmos os mestres e mestras que também o influenciaram: Raimundo Nonato, Elizeu Viana, Ozelita Cascudo, Marieta Guerra, e tantos outros que serviram como exemplo por toda a sua existência.

Diplomado pela Escola Normal na turma de 1939, o professor Rodrigues Alves não veio direto para a nossa capital. Fez o inevitável périplo pelo sertão. Pau dos Ferros e Boa Esperança, atual Antonio Martins, foram cidades que o tiveram como professor, até sua chegada a Natal, em 1943. Chega casado com Madalena Rebouças Rodrigues e já trazendo o primeiro dos seis filhos, Danúbio Rodrigues.

Essa segunda fase, aqui em Natal, rica e recheada de múltiplas histórias, que muitos dos aqui presentes foram inclusive partícipes, pode ser dividida em vários aspectos. Vamos encontrar o Rodrigues Alves professor, jornalista, político, advogado, dirigente da Associação de Professores, presidente do Centro Cearense de Natal, dentre outras várias atividades desenvolvidas.

Cursou a faculdade de Direito de Alagoas. Colaborou com jornais e teve, entre as décadas de 40 e 50, uma atuação política sempre ligada ao cafeísmo. Dirigiu o SAM – Serviço de Atendimento ao Menor, tomou parte no programa desenvolvido pelo prefeito Djalma Maranhão – “De pé no chão também se aprende a ler” – e foi chefe de gabinete do prefeito Olavo Galvão.

Especialmente de sua passagem pelo Atheneu norte-rio-grandense, por exemplo, causava-me preocupação, a responsabilidade de reconstruir, de forma concisa e fiel, uma página merecedora de acurada análise. No entanto, dias atrás, no jornal Tribuna do Norte, deparo-me com um artigo do escritor Nei Leandro de Castro que – como é próprio dos que dominam a tessitura das palavras – resumia magistralmente o perfil daquele que foi seu professor no velho Atheneu. Permitam-me ler um pequeno trecho: “O homem magro, moreno, com sobrenome de presidente da República, morava na rua Potengi, bem perto do Atheneu, onde ensinava português. O salário de professor – porque sempre houve no país um criminoso aviltamento do salário desses profissionais – mal dava para Francisco Rodrigues Alves sustentar a família de quatro filhos. Vivia modestamente, mas ninguém jamais o ouviu se queixar da sorte, do custo de vida, de nada. Sempre de paletó e gravata, ele enfrentava as adversidades com a mesma coragem com que enfrentava o verão natalense metido naquela roupa invernal”. E mais adiante, arremata o autor de *As Pelejas de Ojuara*: “Mesmo os alunos menos apegados à leitura começaram a visitar a biblioteca do Atheneu, dirigida por Zila Mamede, graças ao entusiasmo de Rodrigues Alves pelo romance, pelo ensaio, pelo conto, pela poesia. As aulas de português se tornaram um prazer”.

Vale acrescentar que, ainda na década de cinqüenta, o professor Rodrigues Alves participa, ombreado a tantos outros notáveis mestres, do surgimento da antiga Faculdade de Filosofia, que posteriormente iria compor a nossa Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Numa terceira fase, no início dos anos sessenta, fixou-se no Rio de Janeiro com o intuito de fazer especialização na área de literatura. Teve a oportunidade de ser aluno de Alceu Amoroso Lima – Tristão de Ataíde –, Augusto Meyer, além de outros nomes da mesma envergadura. Ainda do Rio, não podemos eclipsar seu envolvimento com o Centro Norte-rio-grandense. Era entre o Centro e a Biblioteca Nacional que ele circulava com desenvoltura e familiaridade, satisfazendo tanto sua incansável sede de pesquisa, quanto, ao mesmo tempo, convivendo e contribuindo com seus conterrâneos.

Volta ao Rio Grande do Norte em 1976 e, no departamento de Letras da UFRN, assume as cadeiras de Literatura Brasileira e Cultura Brasileira, até a sua aposentadoria em 1986. Período este em que alguns de seus colegas, exemplificados na pessoa do escritor Tarcísio Gurgel, relatam o respeito e a admiração que ele merecia. Respeito conquistado pelas aulas, pelo comportamento cordial, pelo interesse pela pesquisa – principalmente em torno de nomes como Nísia Floresta e Henrique Castriciano, além de outros tantos aspectos de sua personalidade humanista.

Caros confrades; muito ainda poderia ser dito em torno da vida do professor Francisco Rodrigues Alves. Cada amigo, cada aluno, cada familiar devem ter algo a acrescentar. O objetivo, no entanto, nesta noite natalense, era apenas resgatar um pouco da figura singular do mestre educador e, por conseguinte, registrar nesta casa de cultura o exemplar papel por ele desempenhado.

No entanto, uma pergunta talvez paire no ar: por que

essa homenagem ao professor Rodrigues acontece hoje, aqui, no Instituto Histórico? A resposta plausível poderia ser buscada, no nosso entender, tendo por base um pequeno trecho do poema Planck, do poeta Paulo de Tarso Correia de Melo:

*“Perdido e ignorado na urdidura
da imensa tapeçaria do universo
há um fio frágil que decifra a ruga”*

É que no artigo de Raimundo Nonato, que citei no início da fala, existe um ponto onde o historiador diz como recebeu notícia do falecimento do nosso homenageado, em 1992: “A mensagem de Enélio Petrovich sobre Rodrigues Alves registra: Olhe, cangaceiro honorário. Se foi hoje o grande Rodrigues Alves. Figura humana e boa. Sério. Estudioso. Meticuloso. Sofreu da doença meio ano. Com o correr do tempo, seguiu o mesmo caminho. Deus já escolheu o seu lugar no céu, pois ele merece lugar de destaque. Deve estar na eternidade, como bem merece”. E finaliza o historiador martinense: “um depoimento que sugere uma estátua”.

Pois bem, creio que esta noite é a própria resposta: a estátua que Raimundo Nonato vê sugerida no depoimento do nosso presidente Enélio termina, de certa forma, sendo hoje concretizada. Não a estátua no bronze convencional que, talvez, nem encantasse ao professor Rodrigues Alves, pela simplicidade que lhe era peculiar. Mas, a estátua erguida nesta singela homenagem, cujo significado maior para ele seria, tenho certeza, a alegria de ver um dos seus sobrinhos ingressando nesta Casa.

E é por isso que o faço em louvor à sua memória!

Por fim, um agradecimento especial às palavras acolhedoras da governadora Wilma Maria de Faria, sócia benemérita desta instituição. Recebo-as com humildade e com reservas de responsabilidade, prometendo, tão-somente, juntar-me, na qualidade de soldado, a este exército entrincheirado em favor da cultura potiguar. E se, por um acaso, me faltar estofamento intelectual, compensarei com denodo e determinação, apanágios do povo desta nossa querida terra.

Agradeço aos conterrâneos mossoroenses que se deslocaram da cidadela de Santa Luzia do Mossoró à terra de Câmara Cascudo, para trazer o abraço amigo e sempre cordial. Aos meus familiares, exponho gratidão em resposta ao carinho. Para Dona Hilda, Vilani e Alice, uma palavra especial de filho, marido e pai, pelo amor maior que a própria condição encerra. Enfim, a todos os presentes, o meu muito obrigado.

Natal, 17 de junho de 2005

David de Medeiros Leite

PROFESSOR RODRIGUES ALVES

O Professor Rodrigues Alves continua. Na lembrança, nas informações transmitidas, nas gerações que formou.

Estudioso, erudito mesmo, ensinava sempre fazendo pensar. Em algumas aulas, deixava os alunos em choque. Foi a primeira vez que ouvi dizer que a língua existente era a falada. A escrita, apenas a sua representação. Nós nos perguntávamos então: por que tanto esforço para escrever certo?

Daladier, meu irmão, também seu aluno, disse-me que ele estava escrevendo um trabalho sobre Henrique Castriciano. Depois, desistiu. A sua curiosidade intelectual era cambiante. Como as suas esperanças.

Apaixonado pela obra de Machado de Assis, formou legião de machadianos. Sinto que sou um desses privilegiados.

Diógenes da Cunha Lima
Presidente da Academia
Norte-rio-grandense de Letras

PROFESSOR RODRIGUES

Por duas vezes – em diferentes lugares e momentos de minha vida – pude desfrutar da convivência com a admirável figura do professor Rodrigues Alves: no início dos anos 70, nas idas quase que diárias ao Centro Norte-riograndense, do Rio de Janeiro, e já próximo de se encerrar essa década, quando ele e eu, retornados ao Estado, nos tornamos professores do Departamento de Letras. Além das claras afinidades que revelaríamos sobre a literatura brasileira e pelo socialismo (que nele me comovia) outro assunto freqüentava nossos encontros obrigatoriamente: a importância de Henrique Castriciano para a História Cultural do Estado.

Falava-me então, com entusiasmo, do material que estava recolhendo para uma longa pesquisa que resultaria, – quem poderia saber? – num livro. Desgraçadamente sua intenção não pôde se confirmar. Por isto, quando publiquei o meu ensaio “Henrique, poeta das Ruínas e das Vibrações” no extinto jornal O Galo, fiz questão de dedicar-lhe. Simbolicamente. E era como se o dedicasse ao próprio Henrique, tanto que ele se parecia com o escritor admirável, na conduta ética, no amor pelos livros e pela educação, na lealdade aos amigos.

Tarcísio Gurgel
Escritor e Professor da UFRN

A SOLIDÃO DO PROF. RODRIGUES ALVES

Não tive o prazer de ter sido aluno do professor Rodrigues Alves. Conheci-o nos últimos anos de sua vida e, chamado por sua filha Verônica para, como médico, fazer-lhe uma visita e tentar esclarecer um problema que o incomodava, infelizmente, abri a investigação para o diagnóstico da doença que o vitimou. Felizmente, outras vezes havia estado em sua residência, não como médico, mas como amigo, levado pela primeira vez por seu sobrinho, o meu dileto amigo David Leite. Assim, pude desfrutar do seu convívio, mas não pelo tempo que gostaria.

O tempo é implacável e, desde a primeira ocasião em que o vi, sua saúde já não lhe permitia sonhos nem planos, apenas tocava o barco com uma certa amargura: uma decepção pelos desejos não realizados; a reavaliação do passado, mas, sempre, com cordialidade, bom humor, simpatia e sem ressentimentos.

Conversávamos sobre coisas simples e pude ouvir algumas de suas histórias de mestre que foi de mais de uma geração dos mais importantes homens de nosso Estado: políticos, intelectuais, homens de poder e de negócios. Do pouco tempo de convivência, posso dizer que a característica que mais o marcou para mim foi a simplicidade. Quem o via em sua cadeira de rodas não poderia imaginar o que ele representou no célebre Atheneu Norte-rio-grandense. E representou muito.

No tempo em que com ele convivi, o professor Rodrigues era um homem solitário, como geralmente são

solitários os velhos. Assim, recebia com os olhos cheios de brilho, aqueles que o visitavam, quem quer que fosse e quaisquer que fossem os assuntos de sua conversa. Sobre alguns assuntos, não falava. Não reclamava. Não atacava ninguém.

O mundo não foi muito correto com o professor, como geralmente não o é com os idealistas, os sonhadores, os desprovidos de ambição, de ganância, de sede de poder. Tanto que ele faleceu em consequência de um câncer de pulmão, sem nunca haver sido tabagista. Mistérios da vida e da morte.

Outros embates tivera que travar, outras cruzes tivera que carregar. Foi sempre um homem pobre e simples, mas nunca perdeu a dignidade de quem teve uma missão a desempenhar e, no seu cumprimento, deu tudo de si.

Damião Nobre de Medeiros - Médico

PROFESSOR RODRIGUES ALVES

Na minha época de balconista da Livraria Universitária, tive a grata satisfação de papear com grandes figuras do mundo intelectual do nosso Estado e, de certa forma, fazer amizade com eles. Personalidades de diversos tipos, nomes que ocupavam o topo da inteligência potiguar, ou figuras que escondiam atrás da sua simplicidade a sua verve intelectual.

Os velhos e os novos, aqueles que já tinham percorrido um longo caminho na vida intelectual e contribuído para a nossa vida cultural e literária, a exemplo de nomes como Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Américo de Oliveira Costa, Hélio Galvão, Otacílio Cardoso, José Bezerra Gomes, Dario Jordão de Andrade, Mário Moacir Porto, Gilberto Avelino, Raul Fernandes, Ascendino de Almeida, Grácio Barbalho, Edgar Barbosa, Otto de Brito Guerra e o meu querido e estimado professor Rodrigues Alves, motivo maior destas palavras. Todos já partiram, deixando muitas saudades.

Eram leitores e freqüentadores assíduos da livraria de Seu Walter, principalmente nas manhãs de sábado, dia do encontro e reencontro da intelectualidade potiguar na casa da cultura.

Todos tinham suas histórias, alguns as suas amizades com escritores de renome nacional. O professor Rodrigues Alves, homem das letras e de idéias progressistas, de esquerda, me mostrou algumas cartas trocadas com o escritor e historiador Nelson Werneck Sodré. Sempre

tendo como tema principal à cultura brasileira, que era a sua cadeira na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele manteve essa correspondência com o mestre Werneck Sodré trocando idéias sobre a nossa história de uma maneira geral e sobre as questões pertinentes à história da cultura brasileira.

Fui seu aluno, e Rosaline, minha irmã, também, os dois exatamente na cadeira de Cultura Brasileira, disciplina optativa oferecida pelo departamento de Letras da UFRN (ao qual ele pertencia) aos alunos do curso de História.

Figura simpática, inteligente, amigo dos seus alunos. Mesmo enquanto o Brasil vivia uma ditadura militar violenta e assassina, que torturava e matava, ele conversava abertamente sobre as suas idéias, sobre a sua visão de mundo, incentivando os seus alunos à leitura como forma única de crescimento acadêmico e intelectual.

Orgulhava-se do seu filho, jornalista Danúbio Rodrigues, militante de esquerda, membro do Partido Comunista Brasileiro. Em nossas conversas, ele sempre lembrava o filho, falando da sua inteligência, do seu conhecimento e das suas viagens ao exterior.

Acompanhei de perto a sua doença e a sua morte. Por coincidência, ao vir morar em Mossoró e lecionando no Colégio Abel Freire Coelho, tive a grata satisfação de ter um aluno que era sobrinho do professor Rodrigues, que passou a ser um grande amigo meu: David de Medeiros Leite. Era David que me mantinha informado sobre o estado de saúde do mestre Rodrigues Alves. Gostava de brincar com ele dizendo: “Mestre, não é todo mundo que tem o privilégio de ter um professor que foi presidente da

República”.

O bom da pessoa boa que partiu é você poder rememorar a sua convivência e dizer aos que não o conheceram que fulano foi uma grande figura. O professor Rodrigues Alves foi uma belíssima figura humana e faz falta no mundo de hoje. A David Leite, um grande abraço e as minhas felicitações pela a sua posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, honrando a memória desse ilustre mestre da nossa UFRN.

Antonio Capistrano
Ex-aluno do professor Rodrigues Alves
e seu balconista na livraria de Seu Walter

OMACHADIANO PROFESSOR RODRIGUES ALVES

Fui criado ouvindo o seresteiro Chico Botelho dizer: “a justiça tarda, mas não falha”. Quando tomei conhecimento de que o advogado/escritor David de Medeiros Leite iria homenagear, quando de sua posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o professor RODRIGUES ALVES, velho mestre de português do ATHENEU, lembrei-me das verdades que eram difundidas pelo meu avó. É que, afora Nei Leandro de Castro, um dos seus ex-alunos que, em talentoso artigo publicado na Tribuna do Norte, de 1º de maio de 2005, prestou-lhe bonita e justa homenagem, que empolgou a cidade e sensibilizou os que foram alunos do professor que residia na rua Potengi, justamente ao lado do Atheneu, pouca ou quase nenhuma referência se fez ao cearense nascido no Pereiro, como ele costumava dizer, cheio de orgulho e de empáfia.

Tive, também, ao lado de outros de minha geração a oportunidade e a sorte de ter sido discípulo do professor que ora relembro. Aquele jeito austero e elegante de falar são inesquecíveis. A sua cultura e a elegância no vestir permanecem indestrutíveis na minha memória. Acredito que ele fazia das tripas coração para se manter elegante, uma vez que professor estadual, de poucos ganhos, portanto.

Foram muitas as lições de literatura (portuguesa e brasileira), coisas muito do seu domínio. Era literato por natureza. Rodrigues Alves não exercia a cátedra apenas por exercer. Vivía a cátedra. Em sala de aula revelava-se um

homem sério, franco, leal, abundante de moral e cultura, porque, não apenas preparava as aulas para exercitar os alunos e a matéria que lecionava. Ia mais além: dava vida às aulas, impregnava o ambiente de sinceridade e incentivos. Era, sim, na melhor assertiva, um homem de letras, com muito talento, que fazia resplandecer no discurso programático, todas as leituras agasalhadas no tempo e no espaço, a exemplo dos filósofos gregos. Ser aluno de Rodrigues Alves era ser aluno da vida, da euforia e aluno da esperança.

As suas aulas de literatura portuguesa e brasileira transformavam-se num desfile permanente de grandes autores. Lembro-me bem do destaque que dava aos escritores Raul Pompéia, Machado de Assis (o seu predileto), Lima Barreto, Aluísio Azevedo, José Américo de Almeida, Câmara Cascudo, Érico Veríssimo, Gilberto Freire, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e aos poetas Castro Alves, Olavo Bilac, Álvares de Azevedo, dando ênfase à Semana de Arte Moderna, especialmente a Manoel Bandeira. Quanto aos escritores portugueses lembrava sempre Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Vieira e os poetas Camões, Guerra Junqueiro, Antero de Quental, enaltecendo, ainda, Fernando Pessoa.

A minha turma do Atheneu (1º ano clássico – 1957/59) – era mista, uma novidade na época, podendo registrar que os alunos procediam de origem humilde – em sua maioria - mas, esperançosa, dinâmica e valorosa. As mulheres já demonstravam liderança e vontade de vencer, a exemplo de Valquíria Félix da Silva, Salete Bernardo, Marta (irmã de João Ururai), Maria Clara, Maria da Conceição

Simonetti, Lúcia Saldanha, Dales Falcão, Izabel Bezerra e tantas outras que o tempo e a vida distanciaram. Lembrome, também, de Gilka Bigois. Quanto aos homens, devo registrar Nei Leandro de Castro (o vocacionado), Glênio e Claudionor de Andrade Jr., José Dias de Souza Martins, Ronaldo Ferreira Dias, Danilo Bessa, Roosevelt Garcia, Borginho e Danúbio Rebouças Rodrigues – filho do lente (usava-se esse termo). As omissões ficam por conta da idade.

Assim, quero atestar nesta oportunidade, por um dever de justiça e gratidão, que o Prof. Rodrigues Alves foi a figura marcante da minha vida estudantil. O impressionante é que o mestre do Atheneu, que dava lições de decência e de língua portuguesa, entusiasmou uma geração que precisava estudar, compreender o mundo, sonhar e progredir.

Registro, ainda, o Rodrigues Alves idealista, avançado para o seu tempo, homem ligado às causas populares e ardente defensor da criação e implantação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual tornou-se, depois, professor.

Tenho certeza de que os que tiveram o privilégio de conviver com RA jamais poderão esquecê-lo, pois ele faz parte da cultura que conseguimos armazenar ao longo do tempo e as demonstrações de cidadania permanecerão intactas nas mentes de seus admiradores.

Portanto, parablenizo o Dr. David de Medeiros Leite por ter optado pela figura do Professor Francisco Rodrigues Alves, fazendo reviver o homem e o mestre, quando de sua posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico do

Rio Grande do Norte, o que ocorrerá no próximo dia 17 de junho de 2005. Ao apertar a sua mão, Dr. David, o faço como o homenageado: “Você parece que é do Pereiro?”...

Odúlio Botelho Medeiros
Ex-Presidente da OAB-RN
e Assessor Jurídico do TRT-21

* RODRIGUES ALVES

O homem magro, moreno, com sobrenome de presidente da República, morava na Rua Potengi, bem perto do Atheneu, onde ensinava português. O salário de professor – porque sempre houve no país um criminoso aviltamento do salário desses profissionais – mal dava para Francisco Rodrigues Alves sustentar a família de quatro filhos. Vivia modestamente, mas ninguém jamais o ouviu se queixar da sorte, do custo de vida, de nada. Sempre de paletó e gravata, ele enfrentava as adversidades com a mesma coragem com que enfrentava o verão natalense metido naquela roupa invernal.

Quando Rodrigues Alves veio ser nosso professor, no curso Clássico, a minha turma estava saindo de um trauma. O professor a quem ele sucedeu era um homem de um mau humor terrível, que chegava à sala de aula como se tivesse atravessado os círculos infernais descritos por Dante. Esse estado de espírito se refletia na ferocidade com que ele passava exercícios e dava notas. Teve sorte quem não se incompatibilizou com Camões para o resto da vida, porque o gênio lusitano só servia para análises sintáticas difícilísimas. O mestre, que além de mau humorado era arrogante, lia em voz alta as besteira cometidas por seus alunos e, em seguida, exibia um rosário de zeros. Nessas horas, ele esboçava um sorriso, pura zombaria. Portanto, na chegada do novo professor de português, a turma estava toda arredia, cheia de medos, alguns tinham ficado para trás, reprovados na matéria. Mas as primeiras aulas do professor

Rodrigues Alves mostraram um homem cordial, sensível, que trazia autores clássicos para a sala de aula, não para maltratar ninguém, mas para despertar nos alunos o gosto pela leitura. Era apaixonado por Machado de Assis e transmitiu para muitos essa paixão. Não admirava muito as romantiquices de José de Alencar, que parecia um europeu travestido de índio, seguindo uma moda européia, cheio de mungangas de estilo, sob o sol dos trópicos. Gostava de alguns parnasianos, principalmente de Vicente de Carvalho e Olavo Bilac. Mas a Semana de 22, com Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira à frente, era para ele o grande marco da nossa literatura. Mesmo os alunos menos apegados à literatura começaram a visitar a biblioteca do Atheneu, dirigida por Zila Mamede, graças ao entusiasmo de Rodrigues Alves pelo romance, pelo ensaio, pelo conto, pela poesia. As aulas de português se tornaram um prazer. O professor do ano anterior, um saco de mau humor, foi esquecido em alguns dos círculos de Dante. Prevaleceram a bondade, a cordialidade, a alma sensível do professor Rodrigues Alves.

Alguns anos depois, encontrei o meu querido mestre no Rio de Janeiro. Morava num apartamento modesto, no bairro de Fátima, e amargava uma solidão de viúvo. Conversamos, lembramos os velhos tempos do Atheneu, ex-alunos que já se destacavam como advogados, médicos, jornalistas. Ele lembrou Machado de Assis, em sua viuvez dilacerante, e recitou o soneto que o gênio do Cosme Velho dedicou à amada morta: “Querida, ao pé do leito derradeiro...” E chorou, meio envergonhado, mas chorou.

Três alunos do professor Rodrigues Alves tornaram-

se grandes amigos: Danúbio Rodrigues, filho do mestre, Odulio Botelho e eu. Danúbio era um contador de estórias cheio de talento. Odulio tinha uma voz melhor do que a do afetado Aguinaldo Rayol e enriquecia as serestas que fazíamos para as namoradas. Eu havia desistido de jogar futebol e não sabia o que ia fazer na vida. Esses três amigos nunca mais se encontraram. Danúbio é jornalista em Brasília. Odulio é magistrado do trabalho. Eu proponho um encontro, de preferência em torno de uma mesa de bar, para levantarmos brindes à memória do professor Rodrigues Alves.

Nei Leandro de Castro
Escritor

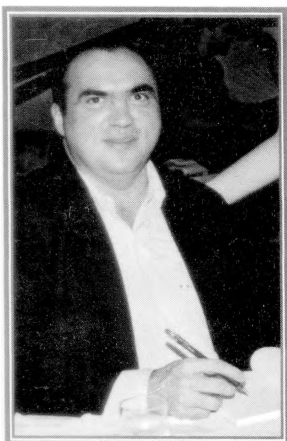
** Publicado no Jornal Tribuna do Norte,
em 01 de maio de 2005.*

David de Medeiros Leite nasceu em 17 de junho de 1966, em Mossoró-RN. É bacharel em administração pela UERN e em direito pela UFRN. Possui pós-graduação em administração e em direito do trabalho, pela UNP.

Exerceu os seguintes cargos: diretor administrativo do Hospital Tarcísio Maia, em Mossoró; diretor-presidente do Abatedouro Frigorífico Industrial de Mossoró; gerente da Empresa de Abastecimento Alimentar de Natal; secretário-adjunto de Agricultura e Abastecimento do RN; coordenador administrativo do Sistema FIERN; superintendente do IEL-RN; diretor geral do TRT-21ª Região. Atualmente exerce a presidência da Datanorte e é professor da UERN - Campus de Natal.

Além das atividades profissionais, desenvolve pesquisas sobre temas históricos, o que já resultou na publicação de diversos artigos e plaquetes. Pertence ao ICOP - Instituto Cultural do Oeste Potiguar. Publicou os seguintes livros:

- **Companheiro Góis - Dez anos de Saudades** - Ed. Coleção Mossoroense - 2001.
- **Os Carmelitas em Mossoró** - Ed. Coleção Mossoroense - 2002. Em co-autoria com os historiadores Gildson Sousa e José Lima Júnior.
- **Ombudsman Mossoroense** - Ed. Sebo Vermelho - 2003.



Professor

FRANCISCO RODRIGUES ALVES

Educador e Humanista